

EDITORIAL

Diversos saberes concorrem para a produção social do espaço. Ora eles se harmonizam, ora eles se chocam numa disputa de legitimidade pelo “ordenamento” do território. No presente fascículo da *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, está em causa este encontro mais ou menos dialógico ou conflitual entre distintos saberes, sejam eles acadêmicos, de Estado ou de base prática e popular. Os dois primeiros artigos tratam das formas distintas de se gerenciar as águas, seus fluxos e suas representações. Marco Antonio da Silva Mello e Arno Vogel discutem a dinâmica dos ambientes lacustres fluminenses, a partir de uma etnografia de seu manejo pelas comunidades de pescadores e pela engenharia sanitária e urbana, com suas distintas, conflitantes e concorrentes concepções sobre os mecanismos de seu funcionamento, priorizando ora a ótica da estagnação ora a da circulação. Segundo os autores, o caso de Maricá serve para evidenciar alguns dos dilemas resultantes do confronto de perspectivas concorrentes, com relação ao manejo de ecossistemas lagunares, em face de interesses diferenciados no processo de ocupação da faixa costeira, sobretudo nas adjacências das grandes metrópoles do litoral brasileiro. A despeito do saber politécnico ter tendido a desqualificar o saber local, no caso da “lagoa antiga” de Maricá, manejo e gestão seriam, na verdade, co-gestão e co-manejo, tributários, por parte dos pescadores, de um conhecimento naturalístico extenso, permanentemente atualizado e associado a um saber-fazer.

Ao discutir os projetos de apropriação do território de margens fluviais em Belém, por sua vez, Juliano Pamplona Ximenes Ponte discute a pretensão de se retomar a idéia de natureza na cidade e convertê-la em paisagem de consumo visual nos projetos de “sustentabilidade urbana”. Sustenta o autor que sob o aparente consenso em torno da necessidade de desobstrução da orla fluvial, grupos de interesses diferentes disputam o território, verificando-se antecipação de ganhos por parte de agentes do mercado imobiliário e tendência à reprodução da desigualdade no acesso às benesses do território, entre as quais a localização nas proximidades do rio e o acesso à água.

O texto de Valquíria Padilha retoma as raízes históricas dos *shoppings centers* a partir das organizações espaciais e das lojas de departamento criadas na Europa no século XIX, para evidenciar a importância de se fazer um enlace analítico entre capitalismo, consumo e espaço urbano de modo a entender este objeto enquanto local de lazer reificado e do desejo de participar do mundo de sonhos vendidos pela publicidade.

Os dois artigos subseqüentes procuram problematizar a perspectiva objetivista do risco quando aplicada à caracterização da condição de moradia em áreas consideradas perigosas ou à construção e operação de barragens no semi-árido nordestino. Maria Auxiliadora Ramos Vargas analisa as trajetórias de moradia de famílias removidas de áreas tecnicamente condenadas no município de Juiz de Fora/MG, registrando o modo como se constitui a resistência da população à noção técnica dominante do risco. A autora procura mostrar como os moradores reelaboram a noção de risco de modo a justificar a sua permanência no lugar – com garantia da posse dos ativos previamente construídos – em resistência à noção técnica de risco, que justifica sua remoção.

Norma Felicidade Lopes da Silva Valencio e Juliano Costa Gonçalves, por sua vez, trazem à luz problemas relacionados ao colapso de barragens construídas no semi-árido nordestino. Os autores sugerem que, embora as barragens sejam apresentadas como solução técnica visando o controle de desastres oriundos de eventos extremos relacionados à água, elas não teriam conseguido fazê-lo a contento, uma vez que acentuados períodos de seca ou de cheia mantêm as agruras historicamente conhecidas pela população local, associando a estas, agora, a convivência com novos riscos trazidos pela própria solução técnica do represamento das águas.

O presente fascículo traz igualmente duas resenhas de publicações recentes – *Planeta favela*, de Mike Davis, e *Um Mural para a Dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*, organizado por Patricia Birman e Márcia Pereira Leite.

HENRI ACSELRAD
Editor responsável